

Projeto de Extensão
VEREDAS DA LINGUAGEM

**GRANDES ENCONTROS:
VEREDAS**

Grasiela Kieling Bublitz
Kári Lúcia Forneck
Maristela Juchum
Rosiene Almeida Souza Haetinger
(Orgs.)

Grasiela Kieling Bublitz
Kári Lúcia Forneck
Maristela Juchum
Rosiene Almeida Souza Haetinger
(Orgs.)

Grandes encontros: veredas

1^a edição



Lajeado, 2017



Editora Univates

Coordenação e Revisão Final: Ivete Maria Hammes

Editoração: Glauber Röhrig e Marlon Alceu Cristófoli

Avelino Talini, 171 - Bairro Universitário - Lajeado - RS, Brasil

Fone: (51) 3714-7024 - Fone/Fax: (51) 3714-7000

E-mail: editora@univates.br

<http://www.univates.br/editora>

G752

Grandes encontros : veredas / Grasiela Kieling
Bublitz et al. (Org.) - Lajeado : Ed. da Univates, 2017.

78 p.

ISBN 978-85-8167-219-9

1. Narrativa. 2. Imigrantes. 3. História. I. Bublitz,
Grasiela Kieling. II. Título

CDU: 82-3:314.742

Catalogação na publicação - Biblioteca da Univates

**As opiniões e os conceitos emitidos no livro são de
exclusiva responsabilidade dos autores.**

APRESENTAÇÃO

Quantos encontros acontecem nas veredas da vida? Quantas línguas se entrecruzam numa vereda? Quantas emoções emergem desses cruzamentos? Movidos pela vontade de promover encontros, os componentes do Projeto de Extensão Veredas da Linguagem, da Universidade do Vale do Taquari, por meio do eixo Linguagem e Ensino, criaram esta obra intitulada *Grandes Encontros: veredas*. Em analogia ao título da interessante obra de Guimarães Rosa, pretendeu-se dar visibilidade a interações com a comunidade de imigrantes do Vale do Taquari, entre os quais se encontram haitianos, senegaleses, bengalis e beninenses. Trata-se de um livro com textos construídos por várias mãos, mãos de diferentes etnias, de diferentes culturas, de diferentes origens que convergem na escrita de trajetórias repletas de percalços, de expectativas por vezes frustradas, mas também de conquistas e alegrias. Cada narrativa contempla veredas diferentes trilhadas pelos imigrantes que participam ou participaram das aulas de português como língua adicional ministradas por acadêmicos, bolsistas, diplomados e voluntários do projeto. Vários encontros, várias narrativas diferentes, com histórias de vida únicas, admiráveis, difíceis... Uma nova vida que começa na região, um novo espaço a ocupar, uma nova comunidade a se inserir...

Numa perspectiva que concebe a linguagem como dialógica e plurivalente, a interação entre redator e protagonista da narrativa resultou em textos permeados de detalhes, no estilo próprio dos autores que, pelo entrecruzamento das línguas, trilharam, neste encontro, a mesma vereda. O primeiro texto, redigido pela acadêmica de Letras Suzinara Strassburger Marques, conta a trajetória percorrida pelo casal de bengalis Dil Rowshon e Nurul Amin até se estabelecerem na região. Já a segunda narrativa, da professora do curso de Letras Makeli Aldrovandi, traz a jornada enfrentada pela bengali Santa Islam Bithi. O terceiro texto, redigido pelas mãos da também professora do curso de Letras, Gariner Keller, que promoveu o encontro de duas famílias, uma brasileira e a outra beninense, retrata a história de vida da família de Benin, formada por Soulé Latifatou Norou, Mouhamed Chakidou Ajambi Allade e pela filha, Dunia Nasrine Norou. A acadêmica Marcela Fischer, uma das professoras voluntárias precursoras do projeto, que iniciou em 2014, traz a caminhada emocionante do casal de haitianos Daniel Dimanche e Marie Clarnelle Pierre. Logo depois, o diplomado em Letras e professor voluntário do projeto, Jean Valandro, apresenta a caminhada do senegalês Ibrahima Khalile Ndiaye. Monique Izotton, também diplomada em Letras e professora voluntária do projeto, retrata a trajetória da senegalesa Mame Diarra Ndiaye. Em seguida, Natália Sarmento, acadêmica de História e bolsista do projeto *Identidades étnicas na bacia hidrográfica do Taquari Antas – História, movimentações e desdobramentos socioambientais* traça a caminhada da haitiana

Nancy Jean Louis. Já a doutoranda em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari, Janaíne Trombini, narra a história do aluno senegalês Khadimi Babou, seguida pelo texto de Bruna Scheeren, acadêmica do curso de Letras e professora voluntária, que relata o caminho percorrido pelo haitiano Michel Lubin. Por fim, num texto escrito por quatros mãos, com trechos das falas de um casal de haitianos transcritos em meio à narrativa, a professora Juliana Thiesen Fuchs e a bolsista do projeto e também acadêmica do curso de Letras, Magali Baierle, fecham a obra com a linda história de vida do casal haitiano Duvalery Renaty e Ester Castor, cujo objetivo é criar raízes e constituir família aqui na região.

As narrativas aqui registradas pretendem marcar a história da imigração no vale, assim como em outros tempos também foi marcada pela chegada de imigrantes de outras regiões e outras culturas. Que nosso vale possa valorizar a diversidade de culturas e raças. É preciso acolher, incluir, entender e admirar! Que esta obra possa colocar os holofotes na questão da imigração e, quem sabe, promover políticas públicas que deem visibilidade à comunidade de imigrantes que aqui se instala. Inspirem-se nas trajetórias de nossos imigrantes!

Grasiela Kieling Bublitz

*Coordenadora do Projeto de Extensão
Veredas da Linguagem e professora do Curso de Letras.*

APOIO/PATROCÍNIO

Esta obra é resultado do projeto de extensão Veredas da Linguagem, da Univates, com apoio da Prefeitura Municipal de Lajeado.



**PREFEITURA
MUNICIPAL
DE LAJEADO**



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	3
<i>Grasiela Kieling Bublitz</i>	
DIL E AMIN: RAÍZES QUE SE MOVIMENTAM	9
<i>Suzinara Strassburger Marques</i>	
<i>Dil Rowshon</i>	
<i>Md. Nurul Amin</i>	
MEMOIRS DE UMA BENGALI NO BRASIL.....	17
<i>Makeli Aldrovandi</i>	
<i>Santa Islam Bithi</i>	
UMA NOVA HISTÓRIA: A DELES E A NOSSA	23
<i>Garine Keller</i>	
<i>Soulé Latifatou Nourou</i>	
<i>Mouhamed Chakidou Ajambi Allade</i>	
SUPRIZ YO NAN LAVI YO.....	27
<i>Marcela Fischer</i>	
<i>Daniel Dimanche</i>	
<i>Marie Carmelle Pierre</i>	
A VONTADE DE SER INDEPENDENTE E DE SUSTENTAR MINHA FAMÍLIA FIZERAM COM QUE EU VIAJASSE.....	37
<i>Jean Michel Valandro</i>	
<i>Ibrahima Khalile Ndiaye</i>	
QUEM É ELA?	43
<i>Monique Izoton</i>	
<i>Mame Diarra Ndiaye</i>	

EU VIVIA COMO UMA PRINCESA: RELATOS DE UMA IMIGRANTE HAITIANA	47
<i>Natália Sarmento</i>	
<i>Nancy Jean Louis</i>	
PERSPECTIVA DE UMA NOVA VIDA NO BRASIL	51
<i>Janaíne Trombini</i>	
<i>Khadimi Babou</i>	
VAMOS SONHAR JUNTOS?.....	57
<i>Bruna Scheeren</i>	
<i>Michel Lubin</i>	
RASTROS DE NÓS	61
<i>Magali Beatriz Baierle</i>	
<i>Juliana Thiesen Fuchs</i>	
<i>Diovalery Renaty</i>	
<i>Esther Castor</i>	
ENCONTROS DE INTERAÇÃO	67
EPÍLOGO	77
<i>Kári Lúcia Forneck</i>	

DIL E AMIN: RAÍZES QUE SE MOVIMENTAM

Suzinara Strassburger Marques

Dil Rowshon

Md. Nurul Amin

A saudade aperta na garganta quando Dil e Amin falam de seus familiares que ficaram em Bangladesh. Apesar das belíssimas paisagens do país bengali, a superpopulação e a política indefinida impedem o crescimento da economia nacional e a vida digna de seus habitantes.

Quando conheci Dil, fiquei encantada com as roupas, com a cultura, com a beleza de Bangladesh, país totalmente desconhecido pelo grupo de professores de Português como Língua Adicional. Além disso, na aula seguinte, quando ela incentivou outros imigrantes de Bangladesh a frequentarem as aulas, percebi que Dil também era muito atenciosa com as pessoas que precisavam da sua ajuda. Motivada pela sede de saber, em todas as aulas ela aprende o máximo que pode para repassar a seus conterrâneos, seja repetindo diversas vezes a mesma palavra ou anotando para cada um deles o som de cada vocábulo em “bangla”.

Tenho saudades do mar, das paisagens, do clima, suspira Dil. Vou te mandar as fotos, diz ela, você vai ver que Bangladesh tem muita guerra, mas também tem muitos lugares bonitos. Decidida a deixar a saudade de lado, Dil sufoca o bater das ondas e afirma: *vou para onde meu marido for.*

Assim como em Bangladesh, o *hobby* preferido de Dil no Brasil é cultivar plantas e flores. Certo dia ela me enviou a foto de uma orquídea, demonstrando o amor que ela tem por suas flores. Muito mais do que apenas uma planta, a orquídea cria suas raízes fora da terra e por isso pode representar a própria personagem desta história, que tem como único apoio o marido. Suas raízes permeiam o mundo, sem pontos fixos ou limitações.

Casados desde 2015, as personagens desta história tiveram grandes aventuras antes de chegar ao Brasil. *Casamos por Skype*, diz Amin. “Nossa, que moderno!”. Mas Amin relata que só casou dessa forma porque sua esposa, Dil Rowshon, precisava de todos os documentos para entrar de forma legal no Brasil. *Cinco meses depois do casamento*, diz ele, *fui visitar a Dil, mas tive que ficar trancado em casa durante quinze dias, porque se eu saísse, poderia não conseguir voltar, por causa da política.*

Quando eu vim para o Brasil em 2013 - conta Amin - eu entrei ilegalmente no país. Paguei o equivalente a R\$50.000,00 a um conhecido que organizou a viagem. Primeiro passei pela Bolívia e pelo Uruguai, depois cheguei ao Paraná (Brasil) e fui legalizado. Segundo Amin, mais de oito mil pessoas migraram de Bangladesh

para o Brasil, cada uma com suas próprias razões e com diferentes sonhos.

Ele também conta que todos os seus parentes continuam em Bangladesh, *mas lá tem muito barulho, tem guerra e se você estiver na rua depois das seis da tarde, vai preso*. O governo foi escolhido democraticamente, mas todos aqueles que não concordam com as ações do partido são perseguidos.

Dil nasceu em Dhaka, capital de Bangladesh, e está no Brasil desde fevereiro de 2017. Veio para finalmente morar com o marido, mas sente muita falta da família, que ficou em Bangladesh. Na primeira semana em Lajeado/RS, Dil ficou hospedada na casa de uma amiga, também de Bangladesh. Depois encontrou uma casa próxima a um mercado. *Assim, ir ao mercado é muito mais fácil*, afirma Dil.

Desde junho ela participa das aulas de Português como Língua Adicional, oferecidas através do Projeto de Extensão Veredas da Linguagem, da Univates. Muito esforçada, ela está sempre com a cartilha inglês/português. Além de estar presente em todas as aulas, ela também estuda o português em casa e sempre tem dúvidas sobre o vocabulário ou sobre como se comportar em determinadas situações. Por isso, ela diz que as aulas a ajudam muito, é uma forma de tirar suas dúvidas e participar da vida social no Brasil. Sem emprego, ela não tem muitos brasileiros com quem conversar, por isso as aulas possibilitam essa interação.

Formada em Administração e Marketing, a aluna nunca conseguiu trabalhar. Sua única experiência foi como estagiária em um banco de Bangladesh. Tem três irmãs que continuam no país bengali e um irmão, que está estudando no Japão. Além do “bangla”, língua nativa de seu país natal, Dil também fala muito bem o inglês, por isso essa foi a língua mais utilizada durante a entrevista.

Em relação à sua religião, Dil e Amin são muçulmanos, assim como a maioria da população de Bangladesh. Dil afirma que em Lajeado/RS, onde vive agora, não há igreja que ela possa frequentar, então ela lê o livro sagrado e faz suas orações em casa. “E ninguém fala da sua roupa aqui no Brasil”? *Falam sim*, responde Dil, *querem tocar, acham bonito. Não me incomodo com isso, nunca sofri preconceito no Brasil. Em Bangladesh eu uso burca, mas aqui no Brasil só uso o sári.*

Dil e Amin sonham em ter uma vida boa, confortável, mas, conforme dizem eles, para tudo é preciso dinheiro. Ter a casa própria, abrir o próprio negócio, tudo isso só será possível com dinheiro, e *no Brasil não tem dinheiro*, diz Amin. Assim que os passaportes deles puderem ser emitidos, o casal pretende mudar-se para outro país, talvez para o Canadá ou para os Estados Unidos, onde Amin possui outros parentes.

Assim como muitos imigrantes que passam ou já passaram pelas aulas de Português como Língua Adicional promovidas pela extensão da Univates, Dil e Amin não estão dispostos a fixar suas raízes em um único

local, eles são como orquídeas, enraizadas um no outro e movimentando consigo, tirando do conformismo, as pessoas que os cercam.



Fonte: Arquivo pessoal Dil Rowshon (Dil Rowshon, Keya, Hira) –
Bangladesh.



Fonte: Arquivo pessoal Dil Rowshon - Bangladesh (Gazipur).



Fonte: Arquivo pessoal Dil Rowshon – Bangladesh (Gazipur).



Fonte: Arquivo pessoal Dil Rowshon – Bangladesh (Gazipur).

MEMOIRS DE UMA BENGALI NO BRASIL

*Makeli Aldrovandi
Santa Islam Bithi*

No Brasil, tudo é *fine...* Assim terminou a conversa com Santa Islam Bithi em uma manhã fria, mas ensolarada, de agosto. Santa é bastante tímida e ainda não é fluente em português, mas apesar dessas barreiras, ela compartilhou um pouco de sua história, usando o português que aprendeu até o momento, um pouco do inglês que aprendeu em seu país e muita simpatia...

Santa é de Bangladesh e sua viagem para o Brasil levou 48 horas. Sobre sua infância, ela fala pouco: em suas memórias, ela traz a escola e os estudos como marcos daquele período. Sua vida, segundo ela, era boa. Em seu país, ela dedicava seu tempo aos estudos. Santa completou o correspondente ao Ensino Médio brasileiro.

No Brasil desde dezembro de 2016, ela diz que sente falta de sua família: pais e irmão que ficaram no seu país de origem. Embora *saudade* não exista na língua inglesa que ela usou para responder a pergunta, nem na sua língua mãe, sua expressão mostra que mesmo sem a palavra para descrevê-lo, o sentimento está lá. Por enquanto, o contato com eles é por telefone e não tão

frequente. No futuro, Santa quer voltar a Bangladesh mais uma vez, mas somente como visitante. Ela afirma isso com um sorriso de esperança no rosto: esperança de conseguir no Brasil a vida que sonhou com seu marido e de poder voltar a ver seus parentes.

Nesses primeiros meses, ela diz que gosta de tudo aqui, mesmo do frio. Não há nada de ruim ou negativo na sua experiência até agora. “Por que o Brasil?” pergunto curiosa. Ela não sabe responder. Foi uma escolha que o marido fez há cinco anos, antes mesmo de se casarem. Ela o seguiu e agora querem construir aqui sua família.

Por falar em família, sua história com o marido é um tanto diferente. Ele está no Brasil desde 2011, mas eles se casaram há apenas dois anos. Eles se conheciam antes de ele sair de Bangladesh e mantiveram um relacionamento a distância até que o desejo de estarem juntos superou as barreiras do espaço: ele voltou ao seu país, casou-se com Santa e a trouxe consigo. Aos 21 anos, a Bengali sonha em ter dois filhos e criá-los em solo brasileiro, mais rico de oportunidades que seu solo natal.

Santa veio ao Brasil com o marido em busca de melhores oportunidades de emprego. Ainda sem trabalho, ela sonha em aprender português fluentemente para poder se estabelecer aqui e conseguir um uma colocação. Para ela, qualquer emprego seria bom. Há poucas semanas, Santa decidiu começar a perseguir seu sonho de ser fluente em português e começou a participar das aulas de língua portuguesa

para imigrantes oferecidas por voluntários do Projeto Veredas da Linguagem da Univates. Santa diz que gosta muito das aulas, mas diz que português é uma língua difícil, já que ela nunca havia estudado a língua antes de vir para cá. Seu marido já fala bem e a ajuda a aprimorar suas habilidades com a língua em casa, quando conversam sobre seus assuntos do dia a dia em língua portuguesa. Das habilidades trabalhadas em aula, ela diz que escrever é a mais difícil. Falar é sua parte preferida. Seu esforço e sua dedicação ficam evidentes em sala de aula, quando ela repete timidamente as palavras do novo vocabulário e as anota em seu caderno.

Por enquanto, sua rotina faz com que ela fique em casa na maior parte do tempo. Seu marido tem dois empregos para que eles possam se manter aqui. Quando eles têm tempo, geralmente aos finais de semana, eles vão ao parque. O casal é amigo de outra família Bengali que reside na cidade e eles se juntam para fazer suas orações. Eles são seguidores do islamismo, e rezar em família é um aspecto bem importante de sua religiosidade.

Os problemas com a constante falta de eletricidade, o trânsito caótico e estradas lotadas que ela enfrentava em Bangladesh fazem com que a vida aqui seja melhor. Além disso, embora esteja desempregada, ela diz que é mais fácil conseguir dinheiro e ter estabilidade financeira no Brasil do que em seu país. Mas sua vida em Bangladesh era boa por estar próxima a sua família, ela afirma. E mais uma vez a saudade não nomeada volta a aparecer e Santa se cala...

Quanto a sua vida em Lajeado, Santa está satisfeita. Ela diz que as pessoas são muito pacientes com ela. Quando ela vai ao mercado ou a outro lugar, as pessoas a ajudam e são gentis com ela. Em resumo, ela diz: Brasil todo é *fine*... E assim encerra nossa conversa e volta rapidamente para a sala de aula, para sua cartilha e seu caderno em busca do seu sonho de falar bem português.



Santa Islam Bithi



Santa Islam Bithi

UMA NOVA HISTÓRIA: A DELES E A NOSSA

Garine Keller

Soulé Latifatou Nourou

Mouhamed Chakidou Ajambi Allade

Achei o nome dela lindo: Soulé. Veio do Benin, África. Até então sabia apenas seu nome. Fiquei imaginando como ela seria. Como seria o lugar de onde ela veio? (Esse país tão desconhecido por aqui!) O que a trouxe para cá? Quantos anos ela tem? Está feliz aqui? Ela é aluna das aulas de Português para imigrantes, do Projeto Veredas da Linguagem, eu fui designada para falar um pouco sobre ela, mostrar que ela está aqui, que quer ser feliz no lugar onde vive, que sente saudade dos que ficaram longe, que fica triste com a indiferença, que quer fazer amigos aqui, que quer uma oportunidade de mostrar tudo isso para a gente.

Então, marcamos pelo celular um encontro de famílias. No momento de escrever a mensagem, muita cautela: ela entenderia o que eu ia escrever? Eu deveria ser mais formal? Se fosse mais informal, ela compreenderia? Deveria escrever pouco ou dar detalhes sobre o projeto e sobre a entrevista? Surpreendi-me com o retorno rápido, com a escrita quase perfeita. Ela aceitou o nosso encontro e se mostrou muito receptiva.

A escrita da mensagem me deixou bem animada. A comunicação estaria garantida!

E então chegou o dia do nosso encontro. Nossa família chegou antes, se instalou em um cantinho da grama no parque, preparamos um piquenique e ficamos na expectativa. Havíamos trocado também fotos pelo celular, para que pudéssemos nos reconhecer. Acompanhamos a chegada deles lá de longe.

Nossos filhos logo se aproximaram. Sem a necessidade de trocar nenhuma palavra, compartilharam panelinhas e potinhos na areia do parquinho. Sem distância cultural, sem distância linguística, afinal, vivem no mesmo mundo de brincadeiras e descobertas.

Entre a dificuldade de se comunicar em português e a timidez, penso que a timidez era o principal motivo que fazia Soulé somente sorrir. Não precisava mais para se manifestar, já que diante da nossa curiosidade sobre a história de vida dela, era eu quem pautava o diálogo.

À frente da interlocução, o marido de Soulé, Mouhamed, explicava que aprendeu a falar português no celular e conversando com os colegas de trabalho. Os três anos já vividos no Brasil e a interação frequente com brasileiros no trabalho fizeram do português algo presente naturalmente em sua vida. Mas ele fez questão de grifar que o domínio de quatro outros idiomas, e especialmente o suporte tecnológico do celular, foram fundamentais no domínio da língua portuguesa.

Soulé continuava sorrindo um sorriso muito meigo, e utilizando do seu marido como intérprete diante da necessidade de manifestações verbais mais longas, expressadas em Ioruba (língua local em Benim). Chegou ao Brasil pouco antes de Dunia, sua filha nascer. Neste um ano e meio, pouco interagiu com pessoas daqui. Não porque não queira, não porque não fala português (percebi que as aulas de português, que frequenta há cerca de dois meses, deram novo ânimo a ela, já que quando perguntei sobre as aulas ela sorriu e disse que deveriam ser diárias!). Não por nada, aquele encontro no parque parecia tão importante. Era o desejo de aprender português aproximando famílias, permitindo não só conversar, mas interagir, falar, vivenciar, conhecer, superar barreiras. Barreiras que não são linguísticas – como o fato de nunca ter sido chamada para uma entrevista de emprego – essas barreiras são muito mais sociais.

Mouhamed aproveitou para desabafar o quanto sentem o preconceito por aqui, especialmente por serem imigrantes, e por serem imigrantes negros. Perguntei o que ela sabia fazer, no que gostaria de trabalhar. Disse que podia ser qualquer emprego, mas o marido, de posse de um vocabulário mais amplo, a valorizou, dizendo que ela tem formação e experiência na área de estética e beleza.

Naquele sábado nem precisamos tanto do português para construir pontes. As veredas da nossa linguagem envolveram potinhos para brincar na areia, celular para compartilhar mensagens e fotos, cuca para

representar nosso carinho e, principalmente sorrisos para construir perguntas e respostas. Respostas capazes de demonstrar que falar português para um imigrante suaviza dramas cotidianos, mas é bem mais do que isso. É o desejo de interpretar o outro, é ler seu sorriso que abranda o isolamento.

Daqui pra frente, não podemos mais ser indiferentes. Mais do que nunca, queremos fazer parte disso. Queremos construir com eles uma nova história. A deles e a nossa.



A família: Soulé Latifatou Nourou, Mouhamed Chakidou Ajambi Allade e a filha Dunia Nasrine Nourou. Do Benin, África, para Lajeado, Brasil.

SUPRIZ YO NAN LAVI YO¹

Marcela Fischer

Daniel Dimanche

Marie Carmelle Pierre

A vida é uma caixa de surpresas que nos leva para diferentes rumos, muitas vezes sem estarmos preparados. Passa tão rapidamente, é intensa e ao mesmo tempo um ensinamento. Podemos pensar em quantas coisas acontecem em nossas vidas sem esperarmos, decisões que tomamos ou ações que praticamos, todas refletem em nossa trajetória ao longo do caminho que trilhamos. Vou contar-lhes uma história, na verdade duas histórias, de pessoas que deixaram suas casas no Haiti e vieram para o Brasil viver de surpresas.

Em uma casa simples, alugada, embaixo de um Minimercado, mora Marie Carmelle Pierre, uma haitiana de 31 anos, e suas duas filhas, uma de 6 e outra de 9 anos, que frequentam a escola. Marie sempre foi muito simpática e alegre, não foi diferente dessa vez ao me receber. Deu-me um abraço bem apertado e falou que estava muito feliz. Lembrou-se de mim, sua amiga e professora de Português.

1 As surpresas da vida.

Marie está no Brasil desde o dia 14 de abril de 2013, ainda não tem fluência no Português e por isso convidou seu amigo, também haitiano, Daniel Dimanche, que significa Domingo na nossa língua, de 32 anos, para participar da conversa. Daniel está no Brasil desde o dia 19 de janeiro de 2015 e, logo no início de nossa conversa, quando lhe pedi se achava a Língua Portuguesa difícil, ele me respondeu: “Se você colocar na cabeça que é difícil, vai ser, se você sair de casa pensando que o carro vai estragar, ele vai estragar, é questão de pensamento, temos que colocar amor na língua e pensar positivo”.

Falta um ano para Daniel se graduar em Ciência e Desenvolvimento no Haiti, fala francês, crioulo, inglês e português. Tem curso de Brigada de HIV, de Comunicação e, inclusive, de Encanador e Eletricista, entre outros. Para conseguir comprovar sua escolaridade, fez o 3^a ano do 2^a grau novamente, pois todos seus certificados de estudo no Haiti não são reconhecidos aqui no Brasil. Orgulhoso, contou-me que sua formatura do Ensino Médio ocorreu em dezembro de 2016. E quanto vale um diploma? Para que ele importa? Quem o valida? Daniel e muitos outros graduados, letrados, multilíngues, chegam ao Brasil e precisam deixar para trás toda essa caminhada que já trilharam para começar sua vida novamente, do zero, sabendo que podem muito mais, mas não conseguem comprovar.

Perguntei-lhe também se estão sozinhos no Brasil. Daniel diz que é separado e tem duas meninas que estão no Haiti. Mostrou-me muito emocionado e com saudades as fotos no seu celular: uma tem 8 anos, e a

outra vai fazer 3 anos agora, dia 2 de outubro. Quando me conta essa parte, Daniel suspira e lembra que elas sempre o accordavam de manhã lá no Haiti, elas eram a alegria e a vida da casa. Sempre que consegue, liga para elas. Mas o abraço não atravessa o oceano.

Os dois vieram sozinhos do seu país. Antes de chegar a Lajeado, Marie teve que enfrentar uma longa viagem... saiu do Haiti, no dia 19 de março de 2013, e ficou viajando 2 meses, por vários países. Conheceu a comida da Colômbia, as paisagens do Equador. Entrou no Brasil pelo Acre, passou por São Paulo, por Santa Catarina, até chegar em Porto Alegre, onde conheceu o chimarrão.

Já Daniel, saiu do Haiti, no dia 21 de maio de 2014, foi como turista primeiramente para Venezuela, ficou no país cerca de um mês, então resolveu ir para Manaus, onde permaneceu por 6 meses. Como o salário era muito baixo, acabou se deslocando para Porto Alegre, chegando até Lajeado na esperança de conseguir um emprego e conhecer novos lugares. Entrou no Brasil como turista, mas agora precisa trabalhar para juntar dinheiro porque quer retornar para o Haiti. Achou fácil entrar no Brasil, mas retornar para o Haiti está sendo difícil. Para Daniel, as pessoas são muito simpáticas, alegres e sempre teve o desejo de conhecer o Brasil.

Os dois trabalham hoje como auxiliares de produção na empresa Minuano, na qual 40% são do Haiti e 10% são de Bangladesh. O horário de Daniel é das 15h43min até 2h da madrugada, e de Marie é às 4h da madrugada

até 15h. Os turnos são puxados, mas os dois não se importam e não deixam em nenhum momento os seus sorrisos no rosto. E vale a pena sorrir? Vale, vale muito, pois atraem com essa alegria e disposição somente coisas boas e positivas. Como motivação, segue a frase que Daniel me mandou “(*LE TRÉSOR QUI EST EN VOUS*); *Des richesses infinies sont tout autour de vous, attendant que vous ouvriez votre esprit pour contempler le trésor infini qui est en vous. Il y a en vous une mine d' or d'où vous pouvez extraire tout ce dont vous aviez besoin pour vivre splendidelement, joyeusement et abondamment*”².

Falamos também sobre o preconceito: você já sofreu algum? Quando você vai para um outro país, não quer ser diferente. Você espera se encaixar e adequar-se à nova cultura e ao novo sistema. Mas é triste quando se depara com um cenário de desrespeito e insensibilidade. Quando lhes questiono, ambos dizem que já sofreram algum tipo de racismo, mas não se abatem, sempre vão em frente, de cabeça erguida.

Quando estamos em outro lugar, desamparados do amor da família, dos amigos, precisamos de força e coragem, prendendo-nos a algo maior, mais forte. E a fé que eles têm é essa luz. Essa mão que os ampara. Uma força que não os deixa jamais desistir. Os dois são

2 “(*O TESOURO QUE ESTÁ EM VOCÊ*); *Inúmeras riquezas estão ao seu redor, esperando que você abra sua mente para contemplar o tesouro infinito que está dentro de você. Há em você uma mina de ouro de onde você pode extrair tudo o que você precisa para viver esplendidamente, alegre e abundante.*”

evangélicos protestantes e vão à igreja todo sábado de tarde e domingo de manhã. Como Marie escreveu nas redes sociais: “*Moi je suis pauvre et indigent Mais le seigneur pense a moi tu es mon aide et mon liberateur Mon Dieu ne tarde pas! Psaumes 40vs18*”³.

No seu tempo livre, Daniel gosta de navegar na internet, falar com suas filhas, escutar música, ir ao baile, assistir à novela. E Marie gosta muito de andar de bicicleta, usar a internet para falar com seus parentes e amigos no Haiti, e ir ao serviço. Para eles é de grande importância e fundamental ter um trabalho, também gostam de frequentar à igreja e assistir a novelas. Ficam sentidos por não ter praia perto, pois no Haiti todos os finais de semana eles iam até a praia, curtir o sol com os amigos, e hoje não tem muitas coisas para fazer, não há pontos turísticos na cidade de Lajeado.

Uma coisa muito curiosa é que, antes de virem para o Brasil, já tinham uma noção do país pelo que viam na televisão, e lembram que na infância, quando havia jogo de futebol do Brasil, a cidade deles no Haiti parava para assistir, pois o Brasil era o melhor time.

No Haiti Marie tinha sua própria loja de roupas, muitos clientes, mas, como falei, a vida muitas vezes nos coloca contra a parede e exige uma reação. Marie largou tudo e veio para o Brasil reencontrar seu marido que estava aqui a negócios, deixando suas filhas com a avó.

3 “*Eu sou pobre e carente mas o senhor pensa em mim, é minha ajuda e meu libertador, meu Deus não tarda! Salmos 40vs18*”

Assim que conseguiu, enviou dinheiro para suas filhas, que também vieram para o Brasil, para recompor a sua família. Mas acabou que sua relação não deu mais certo com o marido, e ela decidiu se separar.

Agora Marie está sozinha, e com suas duas filhas para sustentar e criar, ela me diz que não é nada fácil, mas se alegra pois eles gostam muito das pessoas e das amizades que criaram aqui, mas para viver é mais caro, não conseguem casa para alugar e juntar dinheiro. Essa realidade é bem complicada, pois a imobiliária obrigatoriamente precisa de um fiador, impossibilitando-os de prosseguir para conseguir comprar uma casa. E as pessoas daqui preferem deixar as casas estragando e fechadas, ao invés de alugá-las para os imigrantes e ganhar um dinheiro.

Daniel queria muito ter os mesmos direitos que nós, ele não entende porque não podem participar do projeto Minha Casa Minha Vida. Somente um Haitiano conseguiu até hoje, pois os filhos nasceram aqui. E como fica a questão da cidadania? Se pararmos para pensar, eles estão trabalhando e morando no Brasil, mas não podem usufruir dos mesmos direitos de um cidadão comum.

O Haiti está em crise, pois 98% dos profissionais deixaram o país após os desastres naturais, indo para outros países. Mas não arrumam trabalho nas suas áreas e não conseguem ter suas próprias coisas. Eles queriam que tivesse ao menos uma forma de comprovar que o Haitiano sabe e que é capaz de fazer outras tarefas e

não só ficar na linha de produção. Mas, porque funciona assim? Eles lutaram, trabalharam, estudaram para conquistar suas coisas no Haiti, assim como todos nós também fazemos, mas por culpa de um desastre natural, ou pela crise, ou por melhores condições de vida, rumaram até o Brasil.

Mas, a vida segue aqui no Brasil, e é preciso muita disposição e cumplicidade que é o que Daniel tem de sobra. Aos finais de semana, ele treina os jogadores de futebol do Clube dos Haitianos de Lajeado (CHL), que até já jogaram na arena do Grêmio. Ele quer voltar para o Haiti e tornar-se deputado, pois todos o conhecem por lá, esse é o seu sonho. Mas antes disso ele quer fazer Engenharia Civil e Direito Internacional no Brasil. Sonhos para mais de uma vida...

Eu me surpreendo quando Daniel me conta que é responsável por uma organização, fundada em 2011, de crianças que perderam os pais no último desastre natural que atingiu o seu país. Essa organização, quando ele saiu de lá, tinha 205 crianças de 6 a 14 anos. Elas têm acompanhamento psicológico, oficinas de artesanato, aprendem a cuidar do seu espaço e de si mesmas. Daniel fica muito contente ao falar sobre isso, pois tem muitas pessoas que o ajudam, e ele sente falta de poder estar lá e auxiliar também. Um ato tão lindo, necessário e solidário em meio ao sofrimento e desamparo de milhares de crianças.

Sobre seu futuro, ainda há incertezas, afirma Marie, pois ela está trabalhando muito, para viver bem com

suas duas filhas. Seu sonho é abrir seu próprio negócio de costura aqui, ou voltar para o Haiti e retomar seu negócio, por isso quer juntar dinheiro e aprender o quanto pode aqui no Brasil. Para se preparar melhor para o futuro incerto, como me contam, ambos vão iniciar cursos no SENAC para se profissionalizar.

A vida também nos prega peças. “Amor da família é diferente do amor dos amigos”, diz Daniel. Há um ano faleceu a mãe de Daniel, deixando mais saudade. Toda a família de Daniel e Marie ainda está no Haiti. Marie ainda tem suas filhas para acalentar, mas sente muita falta de sua irmã. A saudade do seu país, da cultura, das atividades que ocorrem na rua, dos bailes, da praia, da banana frita, da cana, da carne frita é tamanha, que o riso corre solto só de lembrar!

Marie e Daniel são pessoas incríveis, fico muito contente pelo destino ter nos colocado em contato e por termos criado essa amizade, confiança e empatia, fazendo parte de suas histórias. A vida e suas escolhas os trouxeram até aqui, e agora, felizes, seguem, trilhando sua trajetória com fé, disposição e saudades.



Daniel Dimanche



Marie Carmelle Pierre

A VONTADE DE SER INDEPENDENTE E DE SUSTENTAR MINHA FAMÍLIA FIZERAM COM QUE EU VIAJASSE

*Jean Michel Valandro
Ibrahima Khalile Ndiaye*

“Antes de vir para o Brasil eu fui para outros países. Eu fiquei dois anos no Marrocos porque queria sustentar minha filha com meus próprios ganhos, mesmo meu pai tendo muito boas condições financeiras. Eu queria ser independente. Voltando ao Marrocos eu fiquei lá três meses e, em 2012, eu ouvi falar do Brasil através de meu irmão que já trabalhava aqui e disse que as condições de trabalho eram boas. Antes de chegar ao Brasil eu peguei um avião para a Espanha, outro para o Equador, um ônibus para o Peru e, finalmente, depois de dias de espera cheguei ao Acre”.

Essa é a trajetória de Ibrahima Khalile Ndiaye, um senegalês de 28 anos que frequenta as aulas de língua portuguesa como língua adicional oferecidas pela Univates, no Colégio Estadual Presidente Castelo Branco. Ele chegou em 2014 a Lajeado depois de trabalhar em diversas cidades da região como, por exemplo, Garibaldi e Caxias do Sul. Nasceu no Senegal na cidade de Touba, capital religiosa de seu país, que tem também como capital política a cidade de Dakar.

Morava na casa de seus pais com toda a sua família e, devido a buscar melhores oportunidades de emprego para sustentar seus entes queridos saiu de seu país quando sua esposa estava prestes a dar à luz, com oito meses de gestação. Isso quer dizer que Ibrahima, além de sentir muita saudade dos seus, ainda não conhece seu filho, que hoje já é um menino de três anos. Como todos os demais imigrantes que aqui chegam, ele envia o quanto consegue de ajuda financeira para seus familiares e busca o documento de permanência para que possa transitar entre seu país e o Brasil.

Ibrahima é da etnia wolof e fala um idioma homônimo que, além do Senegal é falado em mais quatro países da África Ocidental e na República Dominicana. Além desse idioma, ele fala o francês, o árabe e o português, sendo que este último ele fala razoavelmente bem, mesmo estando aqui no Brasil há pouco tempo e nunca tendo estudado a língua até frequentar as aulas para imigrantes, em que ele, além dos professores brasileiros, tem contato com outros senegaleses, haitianos, bengalis e beninenses.

O jovem senegalês, como dito anteriormente, morou dois anos no Marrocos a fim de trabalhar e conseguir manter-se sem depender de seus pais, porém, antes disso, ele trabalhava como pedreiro em seu país de origem. Aqui no Brasil, ele trabalha na BRF S.A., uma empresa do ramo dos alimentos que engloba mais de 30 marcas em seu portfólio e comercializa seus produtos nos cinco continentes.

Justamente porque a empresa em que Ibrahima trabalha aqui, em Lajeado, exporta alimentos para outros lugares do mundo é que foi possível sua contratação. Normalmente, a empresa não possuía política de contratação de estrangeiros, mas os vários senegaleses que lá trabalham são contratados por um convênio da empresa com outra de São Paulo, que contrata empregados muçulmanos para trabalharem abatendo animais que serão comercializados e consumidos também por muçulmanos.

* * *

Antes de conseguir ir a São Paulo e chegar ao sul do Brasil, ele não teve uma primeira impressão muito boa do país porque, quando chegou às terras brasileiras seu primeiro destino foi Rio Branco, no Acre. Lá ele visitou um campo de refugiados e viu pessoas em condições precárias, quase subumanas, tendo que tomar banho ao ar livre e em situação de carência extrema de comida.

Ele ficou chocado porque, em seu país, apesar de existirem pessoas pobres, o islamismo prega que os ricos devem ajudá-los dando-lhes alimento, roupa e, caso precisem, habitação em sua própria casa, o que ameniza bastante a situação da pobreza. A decisão foi, então, comprar um tapete e dormir fora do campo de refugiados que tanto o chocou, já que ele não conseguiu um hotel, mesmo tendo dinheiro para pagar um quarto se fosse preciso.

Ibrahima teve alguma dificuldade para comunicar-se quando chegou, mas a resolia por meio de mímica ou prestando muita atenção a palavras da língua portuguesa que eram bastante parecidas com o francês, uma vez que as duas línguas provêm da mesma família - as duas derivam do latim. Ele ainda relata que quando veio para o Brasil, seu irmão, o qual atualmente está nos Estados Unidos, ajudava-o bastante com o idioma e com as necessidades básicas como alimentação e questões relacionadas à saúde.

* * *

Sobre seu dia a dia em Lajeado, Ibrahima diz que, na maior parte do tempo, ele está trabalhando ou em casa com seus conhecidos, com quem divide a casa. Ele tem hábitos bem saudáveis, já que não bebe e nem fuma - o que é expressamente proibido por sua religião - e joga futebol com outros amigos. No Senegal, seus hábitos eram um pouco diferentes, porque quando tinha tempo livre ele voltava-se para a religião, entoando cânticos de louvor, o que é bem pertinente se lembrarmos que Touba é a capital religiosa e que os muçulmanos rezam, pelo menos, cinco vezes ao dia, conforme seus dogmas. Além disso, ele conta que tomava muito chá e gostava de fazer amizades.

A prática de religião é que fica um pouco prejudicada aqui na cidade, porque os outros imigrantes, que são cristãos, encontram instituições religiosas para praticar sua fé, mas isso não se constitui como um empecilho para que eles sejam fiéis às suas crenças. Ibrahima

conta que eles costumam reunir-se na casa de alguém e então, juntos, louvam a Deus. Ele também conta que, na empresa em que trabalha, existe uma sala reservada para que ele e seus colegas senegaleses possam praticar sua religião mais confortavelmente

Diferentemente da realidade de seu país, aqui em Lajeado Ibrahima não teve grandes problemas, a não ser quando um usuário de drogas bateu à sua porta e, quando ele abriu-a, foi roubado. Também no que toca à questão de preconceito racial, já que se sabe que no Brasil é algo que acontece de forma velada, ele afirma que não teve nenhum problema, pelo contrário, as pessoas ajudaram-no das mais diversas formas, sendo muito solícitas e prestativas. O único problema relatado por Ibrahima é o de que, em alguns bancos é mais difícil de abrir conta para estrangeiros devido a questões ligadas à documentação. No geral, ele diz que o país o recebeu bem e que ele gosta bastante daqui, apesar de a saudade de sua terra e de sua família ser grande.



Ibrahima Khalile Ndiaye

QUEM É ELA?

*Monique Izoton
Mame Diarra Ndiaye*

Toda sexta-feira de manhã, ela está lá. Há cerca de um ano e meio, Mame Diarra Ndiaye comparece a todas as aulas de português para estrangeiros oferecidas pela Univates através do projeto Veredas da Linguagem. Ainda que não se possa considerá-la proficiente em português, ao conversar e ler sua expressão facial percebe-se que Mame entende o que escuta.

Nem sempre pontual, mas ela está lá. A jovem senegalesa, de apenas 34 anos, não teve uma história triste se comparada a muitos outros imigrantes que chegam a Lajeado. Mas, isso não significa que sua história seja inferior ou não mereça ser contada.

O que primeiro atrai o olhar é seu turbante, quase sempre colorido e chamativo, marca de sua cultura. Nasceu na aldeia Koure Mbattar, uma comunidade rural pertencente à região de Thiès, uma das maiores e principais cidades do Senegal a 70 quilômetros da capital Dakar. Antes de vir ao Brasil, morava em Ngaye-Meckhe, uma vila próxima a essa região onde sua família ainda vive.

A sua imagem só se completa com o bebê que carrega: não no colo, e sim amarrado às suas costas com faixas de tecido. A pequena Aram, de quase um ano de idade, nasceu longe de suas origens, na terra em que seus pais escolheram viver para propiciar-lhe um futuro diferente. Diferente também é o nome pelo qual sua mãe decidiu chamá-la, já que os brasileiros estranham seu nome de nascença: Maria.

Mame é a única senegalesa entre as mulheres que participam do grupo de estudo. Sente uma certa dificuldade em comunicar-se, pois, ao contrário dos demais que são haitianos e bengalis, sua língua materna é o wolof. Wolof também é a etnia dela, assim como da maioria dos senegaleses que chegam a Lajeado. Esse grupo étnico representa a etnia maioritária no Senegal, sendo que a língua de mesmo nome é a mais falada em todo o país, misturada ao idioma oficial, o francês.

O amor floresceu para Mame em sua adolescência e, no ano de 2006, casou com Mor Ndiaye. Eles já se conheciam antes mesmo do casamento: o pai de Mame e a mãe de Mor são irmãos. Quando os pais de Mor faleceram, ele foi morar com a família do tio e assim viu Mame nascer. No ano seguinte ao casamento, saiu do Senegal rumo à Argentina em busca de melhores condições.

Ficaram separados por nove longos anos. A relação era mantida por comunicação via internet. Antes de unirem-se novamente no Brasil, em 2015, Mor queria se estabilizar financeiramente. Juntou dinheiro na

Argentina e após uma passagem por Caxias do Sul, conseguiu se tornar um microempreendedor e abrir uma loja em Lajeado onde, com a ajuda de Mame, vende produtos artesanais (sandálias, bolsas e carteiras em couro oriundos do Senegal) e roupas. Também oferecem um serviço de comunicação internacional, ajudando outros estrangeiros que moram na cidade a entrarem em contato com suas famílias, função que Mame administra concomitante com os cuidados da pequena Aram.

Em relação ao racismo, a experiência atípica de Mame mostra os contrastes da nova cultura que encontrou no Brasil, uma vez que afirma nunca ter sofrido nenhum tipo de preconceito por sua etnia ou cor. Infelizmente, o mesmo não ocorre com todos estrangeiros. Contudo, típicas e negativas foram as duas ocorrências de furto à loja do casal, nas quais foram levados aparelhos celulares e dinheiro. Apesar de ter sido um grande susto, isso não abalou as estruturas do casal que se manteve firme em seu objetivo.

Mor e Mame consideram o islamismo muito importante, realçando a falta que sentem de uma mesquita e também a dificuldade encontrada em negociar juntamente com a prefeitura um espaço para praticarem sua religião. A saída encontrada é realizar reuniões religiosas nas quais os sentimentos nostálgicos e saudosos se misturam com alegria e descontração. Nessas reuniões, a comunidade senegalesa de Lajeado ora e confraterniza, e é na cozinha que Mame ajuda preparando alimentos para seu grupo.

As expectativas para o futuro são as melhores possíveis. Mame deseja levar a filha ao Senegal, a fim de que conheça seus antepassados e sua cultura e, assim que possível, voltar a viver na terra natal. Apesar da distância e das diferenças culturais, entende que quem deve decidir se seu destino será aqui ou não é a própria Aram. De qualquer forma, o Brasil trouxe uma nova perspectiva para sua vida e de sua família, assim como para os brasileiros que podem conviver e conhecer mais da cultura do Senegal.



Mame Diarra Ndiaye

EU VIVIA COMO UMA PRINCESA: RELATOS DE UMA IMIGRANTE HAITIANA

Natália Sarmento

Nancy Jean Louis

Nancy Jean Louis, imigrante haitiana residente em Lajeado, nasceu no dia 14 de fevereiro de 1990 no Haiti. Segundo ela, “a minha infância, como posso dizer, foi muito interessante”. Nancy morava com os pais e mais quatro irmãos mais novos. Seus pais sempre foram muito carinhosos, faziam festas de aniversário e davam-lhes bonecas, lembra Nancy com saudade. Até que ela completasse 15 anos, seus pais não permitiram que ela trabalhasse, ou seja, queriam que ela apenas estudasse. Por isso, só ia à igreja e à escola. Eles pagavam alguém para limpar a casa e cozinar “Eu vivi como princesa naquela época”, afirma Nancy ao lembrar que seus pais pagavam alguém para limpar a casa e cozinar, “porque meus pais muito gostavam de mim, minha infância foi muito boa”, diz ela, demonstrando saudades do Haiti.

No Haiti ela frequentou a escola até o terceiro ano do Ensino Médio, mas não concluiu os estudos lá, retomando-os no Brasil. No entanto, como ela trabalhava, frequentar a escola pela manhã era cansativo, o que fazia com que faltasse às aulas e assim reprovando, quando

relembrou esse período em que estudou em Lajeado, Nancy disse que não permitiam que ela realizasse as provas em outra data e fala com amargura “as pessoas não ajudam estrangeiro”, falta somente um ano para ela concluir o Ensino Médio, ela pretende retomar os estudos assim que possível, pois gosta de estudar e de manter a mente ocupada.

No Haiti, ela trabalhou na biblioteca de uma escola, mas o salário era baixo e ela não quis permanecer lá. Como uma tia sua já havia vindo para o Brasil, Nancy resolveu que, se ela quisesse mudar de vida, teria de partir, pois no Haiti não havia muitas possibilidades para ela, seus pais foram os maiores apoiadores para que ela imigrasse. Para conseguir viajar, ela contou com um empréstimo da tia que já morava em Lajedo, empréstimo este que ela acabou não pagando integralmente, porque com o salário que ela recebe aqui ela ajuda os pais no Haiti, que estão desempregados.

Nancy chegou em novembro de 2014 e logo começou a trabalhar em uma empresa do ramo de alimentos, na qual, segundo ela, os chefes gostam muito dela por ser ágil, trabalha como dois, colocaram-na para aprender a trabalhar em todos os setores da linha de produção, “porque sou muito inteligente”, e agora ela é tradutora dos imigrantes que chegaram recentemente, como ela diz: “sou líder no meu setor, quando falta alguém sou eu que substituo”.

Nancy estava sozinha no Brasil, porque sua tia que morava em Lajeado imigrou para os Estados Unidos

e seu tio mora em Curitiba, por conta disso, ela morou em diversos lugares alugados. Atualmente Nancy está casada com Marcon, também haitiano, ela contou que depois que eles estão juntos, nunca mais ficou triste, pois ele cuida dela. Os dois moram juntos agora em uma casa espaçosa que dividem com mais um imigrante, prática comum, porque ameniza os custos de vida para todos.

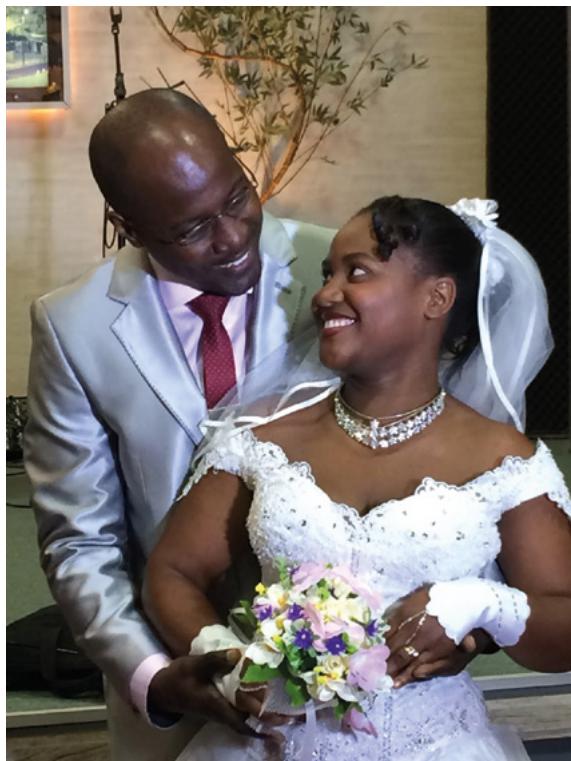
A vida de Nancy no Brasil resume-se em trabalhar e aos fins de semana ir à igreja, sobre a qual ela diz: "Eu vou à igreja porque eu sou cristã, eu gosto de Deus", desde a infância Nancy frequenta igrejas evangélicas, foi na igreja que ela conheceu seu marido e foi nessa igreja que eles se casaram, em primeiro de julho de 2017. A igreja é o lugar onde os imigrantes se encontram aos finais de semana, nela há espaço para falar sua língua e viver sua cultura, podendo assim interagir com os demais imigrantes.

Sobre ter filhos, Nancy disse que pretende esperar, "criança custa caro", primeiro ela tem o sonho de trazer sua irmã para morar com ela, depois os filhos vêm. Nancy disse que trazendo sua irmã, ela poderá ajudá-la a enviar dinheiro para o Haiti e, posteriormente, trazer mais alguém. Ela não pretende cobrar a viagem da irmã, pois elas são muito próximas e ficará muito feliz em tê-la por perto.

Nancy conta que fez muitos amigos brasileiros, conheceu muita gente que foi solidária com ela durante esses três anos. Dentre as coisas que ela mais gostava de fazer, era ir às aulas de português oferecidas pelo projeto

Veredas da Linguagem, no Colégio Castelo Branco. O motivo, “porque eu gosto do conhecimento, faz muito bem pra mim”, relata. Ela gostava de aprender sobre a cultura brasileira e gaúcha, gostava da interação, das festas que faziam, “fui muito feliz”, lembra ela com um sorriso no rosto.

Sobre voltar ao Haiti, somente a passeio. Ela está feliz aqui, pretende ficar e se estabelecer em Lajeado com seu marido.



Nancy Jean Louis

PERSPECTIVA DE UMA NOVA VIDA NO BRASIL

*Janaíne Trombini
Khadimi Babou*

Khadimi Babou é natural do Senegal, tem 38 anos e morava na capital do país Dakar. Trabalha como alfaiate em torno de 15 anos e fala três idiomas: francês, “polo” ou pulaar e atualmente o português. Seu irmão Mustafá veio sozinho para o Brasil em 2015 em busca de melhores condições de vida, visto que considerava o Brasil melhor que o Senegal.

Khadimi nasceu em Dakar, em 1977, foi à escola, fez faculdade e depois sua família comprou uma casa em Touba. Touba é a segunda cidade senegalesa mais populosa depois de Dakar e possui um centro religioso muito grande. Ele considera Dakar, a capital do país, muito populosa, movimentada, cidade que recebe muitos turistas, o que torna tudo liberado para quem convive lá. Khadimi acredita ser mais fácil viver em Touba, pois a religião permite muitos atributos. Um exemplo que cita, é que o chefe religioso “Hadimd” controla e organiza mais a cidade. Em sua visão, Dakar é mais liberal, permite tomar cerveja, escutar música, fumar cigarro, etc. Nos tempos livres em seu país de origem, costurava e ensina seus irmãos.

Khadimi gosta de futebol e ouvia falar muito do Brasil, pois conheceu há 15 anos o nome de muitas pessoas que jogavam futebol, como Raí, Dunga, Bebeto, entre outros, os quais ele considera como craques. Ele gosta muito do Brasil porque jogam muito futebol. Queria muito conhecer o Brasil, mas não podia viajar, pois seu pai sempre dizia para estudar. Khadimi nunca tinha andado de avião ou conhecido um aeroporto. Deixou no seu país de origem sua mulher, filhos pequenos e seus pais.

Desde que saiu do Senegal percorreu e conheceu países como Espanha, Equador e Peru. Saiu em abril e chegou em maio de 2017 em Rio Branco, no Acre. Permaneceu no campo de refugiados por 15 dias esperando para fazer os documentos como CPF e protocolos, e pelo fato de ter muitas pessoas no campo, tudo andava devagar. Mantinha contato com seu irmão Mustafá. De Rio Branco veio direto para Lajeado.

Khadimi relata que, quando chegou ao Brasil, seu primeiro sentimento foi o medo ao ver as péssimas condições em que se encontravam as pessoas no campo de refugiados. Estava cansado da viagem e havia muitas pessoas, dormiam todas em colchões muito sujos, não podiam tomar banho, recebiam três refeições diárias. Era muito complicado, principalmente porque a situação era difícil. Mesmo assim, mantinha a esperança de melhorar de vida em outro país.

Um dos motivos elencados por Khadimi para migrar ao Brasil é que no Senegal, segundo ele, é complicado de

viver, moravam todos juntos em uma casa, em torno de 20 a 30 pessoas, uma casa com cinco quartos. Somente uma pessoa trabalhava para sustentar todas, o que se tornava muito difícil. Seus pais morreram e foi árduo deixar sua esposa grávida de oito meses e migrar para o Brasil.

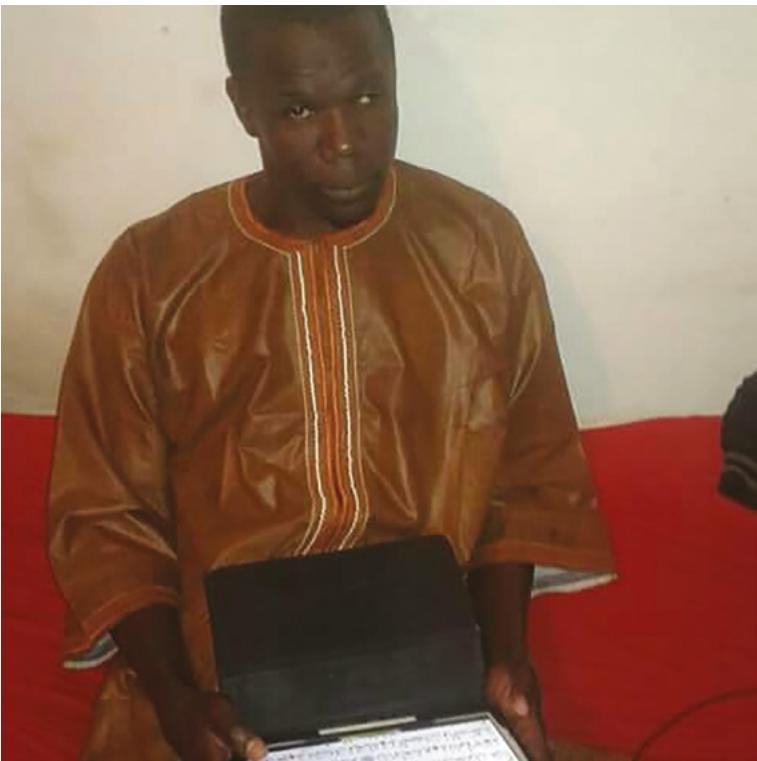
Quando chegou a Lajeado não achou muito difícil se adaptar, visto que seu irmão já morava na cidade e ajudou-o com a documentação necessária: o cartão do SUS, além de mostrar-lhe onde se localiza o hospital. Considerava a língua portuguesa difícil e semelhante ao francês, mas foi ouvindo e aprendendo com seu irmão Mustafá. Por ser reconhecido como estrangeiro e pela sua cor de pele, vê que no Brasil existem muitas pessoas boas e outras que fazem coisas erradas. Quando caminha pelas ruas de Lajeado, muitas pessoas buzinam para ele, e isso o deixa feliz.

Atualmente trabalha na BRF (Brasil Foods), uma empresa no ramo alimentício no município de Lajeado. Khadimi explica que foi contratado, assim como seu irmão, por uma empresa de São Paulo para trabalhar na BRF, a qual exporta carne para outros países. Sente-se feliz por este emprego e não reclama pelo contrato de trabalho. Só lamenta não poder faltar ao trabalho para ir visitar sua família no Senegal. Sua função na empresa é “matar frangos”, mesma função de seu irmão. Khadimi trabalha de manhã e seu irmão à tarde. O valor arrecadado com seu trabalho no Brasil é pouco, mesmo assim consegue mandar em torno de 300 a 500 reais por mês para sua família. Quando não está

na empresa trabalhando vai para as ruas de Lajeado e vende correntes, alianças, entre outros, conseguindo uma renda extra, a qual é enviada para sua família no Senegal.

Um dos costumes mantidos por Khadimi no Brasil é em relação à religião muçulmana. Ele reza cinco vezes ao dia em determinados horários, seja no trabalho ou em casa. Em Lajeado não existe uma igreja muçulmana, mas há um pastor que ajuda os senegaleses. No tempo livre e nos finais de semana vai à academia e aproveita para mexer no celular e redes sociais, sempre mantendo o contato com sua família e amigos no Senegal.

Khadimi espera voltar ao Senegal porque sente muita saudade da família e de seu filho recém-nascido. Pensa também em fazer um voo direto do Brasil até o Senegal, ficando mais viável, mas ao mesmo tempo torna-se caro. Está muito feliz em aprender o português e lamenta que muitas vezes falta às aulas, pois precisa trabalhar.



Khadimi Babou

VAMOS SONHAR JUNTOS?

Bruna Scheeren

Michel Lubin

Vou falar um pouco do Michel. O Michel tem 27 anos, é haitiano, natural da cidade de Aquin, encanador. Deixou seu país há pouco mais de três meses e escolheu Lajeado por influência de um amigo, também haitiano, que mora aqui há algum tempo. Michel veio na esperança de encontrar melhores condições de vida e trabalho para poder ajudar família que ainda vive no Haiti.

É de religião Batista e contou que quando morava no Haiti trabalhou por quatro anos em uma missão chamada "Jesus is the Way", uma organização religiosa que acredita no poder da educação para ajudar crianças a ter acesso à escola. Nesse projeto, ele ajudava a dar aulas, fazer comida e construir cabanas para abrigá-las. Enquanto falávamos sobre a missão, ele me mostrava fotos e vídeos que tinha em seu celular. Confesso que fiquei chocada ao ver a situação do país que foi castigado por furacões, terremotos e por uma crise política em curso, mas Michel não, ele falava todo orgulhoso do trabalho que desempenhava lá.

Animado com a nova vida no Brasil, disse ainda não ter saudade de casa e não sabe ainda se pretende voltar para lá. Os planos por aqui são encontrar um trabalho,

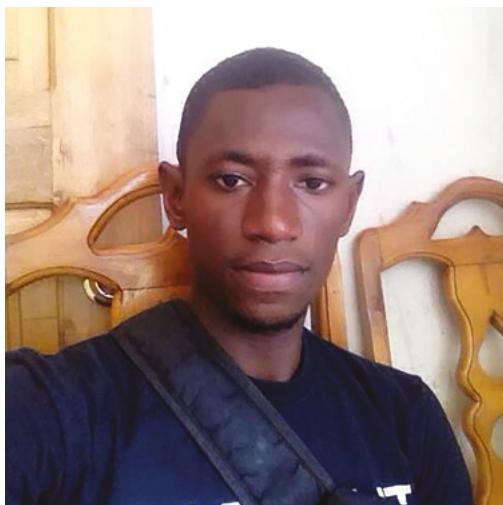
aprender coisas novas e um dia ter uma profissão: *quero ser jornalista ou jogador de Futebol.*

As impressões que Michel tem dos lajeadenses é que são gentis e solidários, pois sempre que precisou de ajuda foi acolhido e nunca sofreu preconceito por aqui, fiquei feliz ao saber isso, é claro. Ele também acha a cidade muito bonita, adora caminhar pelas ruas do centro e já provou e aprovou o nosso típico churrasco.

Quando pergunto sobre sonhos, ele prontamente me respondeu: *aprender a falar português* e sorriu.

Me emociona sempre que lembro. Eu, Bruna, também já fui uma imigrante, talvez não nas mesmas condições que o Michel, mas com os mesmos objetivos: de aprender, crescer, mudar e, se for preciso, recomeçar.

Conhecer pessoas é uma das coisas mais sensacionais que a vida nos proporciona e, por isso, sigo minha caminhada acreditando que, com projetos, podemos ajudar a mudar vidas. Então, se esse é o sonho do Michel e de tantos outros imigrantes, agora passa a ser o meu também.



Michel Lubin

RASTROS DE NÓS

Magali Beatriz Baierle

Juliana Thiesen Fuchs

Diovalery Renaty

Esther Castor

Escrever um livro, plantar uma árvore, ter um filho. Dizem que isso é o que todo ser humano deve fazer antes de morrer. Deixar rastros de nós no mundo. Não sabemos se você pensa em escrever um livro ou ter filhos, mas você já se perguntou o que está semeando? Nós estamos semeando sonhos.

Embora cada um de nós seja um universo, nenhum homem é uma ilha; precisamos de pessoas para compartilhar nossa imensidão. Às vezes encontramos pessoas na rua e nem temos ideia de que compartilhamos os mesmos sonhos. Com quantas pessoas você já compartilhou os seus?

Quando nos conhecemos nem imaginávamos que nossos sonhos fossem tão semelhantes. Muita coisa cabe dentro da palavra “nós”, mas aqui cabem Diovalery, Esther, Juliana e Magali, quatro universos cuja principal ligação é a vontade de aprender e ensinar. Ensinar português foi o que uniu nossos universos, mas os universos de Esther e Diovalery se uniram ainda no Haiti, quando se apaixonaram.

Nos conhecemos na igreja. Ela estava cantando, e eu estava assistindo. Eu vi aquela pessoa cantando e estava com meu amigo, então eu falei “meu... que coisa maravilhosa!”

Talvez, naquele momento, eles não fizessem ideia de que compartilhavam sonhos, e isso é o mais bonito da vida: nós sempre encontramos alguém com quem dividir nossa existência.

Começamos a namorar. Namoramos por uns quatro anos, quando eu vim para o Brasil. Desde que eu deixei o Haiti, eu sempre tive na cabeça que eu ia mandar buscar ela para trazer para cá.

Diovalery Renaty tem 30 anos e estava estudando ciências administrativas quando veio para o Brasil. Quatro anos se passaram desde a sua chegada em Porto Alegre, até o dia em que nos contou essa história. Quatro anos; 47 meses; 1400 dias; 35000 horas. Quanto tempo é tempo demais para você? Quanto tempo é muito tempo longe da sua família, dos seus amigos, da sua namorada? Quanto tempo é suficiente para aprender uma nova língua, uma nova cultura, um novo modo de vida?

Eu me lembro das primeiras semanas, quando eu cheguei no Brasil. Eu estava caminhando e tinha uma moça na rua – eu nem sabia falar português muito bem, ainda – e aí ela falou “você é haitiano, né?” e eu respondi “sim, sim” e ela falou “oh! Muito bem-vindo ao Brasil” e eu nunca esqueci disso, sabe?

Sabemos, sim. Assim como sabemos que nem todo mundo pensa como essa moça. No decorrer dos muitos meses que passou no Brasil, Diovalery enfrentou algumas situações de discriminação. Infelizmente, nem todos estão preparados para compartilhar seus universos.

Em cada 10 pessoas, tem uma ou duas preconceituosas. Eu fui muito bem recebido no Brasil. O povo brasileiro é muito legal. No meu trabalho, a gente é como uma família, não tem diferença.

Diovalery trabalha como motorista de ônibus há três anos, na cidade de Lajeado. É formado em informática, no Haiti, e um de seus maiores sonhos é voltar a estudar, aqui no Brasil. Porém, seu encantamento está, agora, em outras áreas: a da advocacia e a de relações internacionais. Ainda é preciso, no entanto, recuperar alguns documentos e traduzi-los para o português, para terem validade e, enfim, ele poder realizar esse sonho. Esse é um caminho que Diovalery ainda terá que percorrer.

Trabalhar, estudar, ter uma família. Esses são os sonhos dele. O primeiro já estava concretizado e o universo de Diovalery estava se expandindo rumo ao segundo, mas faltava voltar a compartilhar sua imensidão com a de Esther. Foi então que, quase três anos mais tarde, começou a travessia dela rumo ao Brasil. A viagem, assim como a dele, foi longa, e os primeiros tempos também não foram fáceis. No Brasil

há quase um ano e meio, só conseguiu um trabalho há 10 meses.

Eu acho que para os estrangeiros é muito difícil porque não tem trabalho para nós. É muito difícil.

Mas pedras no caminho não são um problema para ela. Batalhadora, sempre teve como um de seus sonhos conquistar uma profissão. Com pouco mais de 20 anos, já era formada em Contabilidade e havia iniciado seus estudos em Comunicação Social. Rumar ao Brasil não foi uma barreira para seus sonhos: oportunidade de estar com Diovalery e poder ajudar financeiramente a família, mesmo que de longe, foi o que fez das pedras um caminho, e não um muro.

Daqui para frente ainda haverá muitas pedras. Assim como Diovalery, Esther quer continuar semeando e ver germinar o que plantou: pretende continuar estudando, mas seu interesse atualmente é pela Odontologia. Conseguir validar no Brasil os estudos realizados no Haiti e então ingressar no ensino superior são algumas dessas pedras. O caminho é longo.

Mas já está sendo trilhado. Uma das principais barreiras a serem transpostas é a linguística: muitos imigrantes acabam sendo preteridos em vagas de emprego ou tendo dificuldade de cursar o ensino superior por não terem domínio suficiente da língua portuguesa. Como a maioria dos imigrantes haitianos, Esther e Diovalery dominam tanto crioulo haitiano (sua língua materna) quanto francês (língua da

colonização no país, ensinada nas escolas no Haiti). Diovalery também tem conhecimento de inglês e um pouco de espanhol (devido aos países latinos em que esteve antes do Brasil). Poliglotas, portanto. Mas essa qualidade infelizmente não tem sido um diferencial para os imigrantes conseguirem trabalhar no Brasil. A única língua que eles precisam dominar é o português.

Essa pedra no caminho também não tem sido uma barreira para Esther e Diovalery. Sempre com muita alegria e simpatia, conseguem se comunicar muito bem e já dominam quase perfeitamente o português. Embora tenham saudades de casa, querem criar raízes no Brasil. Não pretendem voltar para o Haiti. É aqui que querem ver o que plantaram germinar e florescer. Pretendem se casar, ter filhos e seguir estudando e aprendendo.

E você? Quais são os seus sonhos? Apostamos que não são muito diferentes dos deles. Assim como não são dos nossos. Embora não tenhamos plantado uma árvore, plantamos, aqui, alguns sonhos que esperamos ver florescer adiante. Todos os sonhos merecem ser compartilhados. Todos os universos merecem ser sonhados. E todos os grandes encontros merecem ser registrados.



Diovalery Renaty e Esther Castor

ENCONTROS DE INTERAÇÃO



Apresentação do grupo de capoeira no I Encontro Multicultural da Univates



Coral de Haitianos em apresentação no I Encontro Multicultural da Univates



Entrega de Certificados aos concluintes do curso de Português em
2015



















EPÍLOGO

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele
precisará sempre de outros galos.

De um que apanhe esse grito e o lance a
outro; de um outro galo que apanhe o grito
que um galo antes ecoou e o lance a outro; e
de outros galos que com muitos outros galos
se cruzem aos fios de sol de seus gritos de
galo, para que a manhã, desde uma teia tênue,
se vá tecendo, entre todos os galos.

E se encorpando em tela, entre todos, se
erguendo tenda, onde entrem todos, se
entreteendo para todos, no toldo (a manhã)
que plana livre de armação.

A manhã, toldo de um tecido tão aéreo que,
tecido, se eleva por si: luz, balão.

João Cabral de Melo Neto

Grande estudioso da linguagem, Bakhtin sugeriu que nossa identidade vai se constituindo pelo diálogo que estabelecemos com os discursos dos outros. Nós somos seres dialógicos, e é provavelmente essa a característica que nos diferencia das demais espécies. Dito de outro modo, a interação com o outro e o compartilhamento de experiências são também formas de a gente se conhecer. Aprendemos com o outro – sobre ele e sobre nós mesmos.

Desde sua concepção, o Projeto de Extensão Veredas da Linguagem tem como fundamento o diálogo.

O diálogo com o outro que constrói novas formas de pensar, de entender, de expressar e de transformar o mundo. Para melhor.

Os diálogos que aqui se apresentaram ilustram justamente uma das razões de ser do Veredas da Linguagem: convergir caminhos para a construção de identidades pelo entrecruzamento de olhares do *eu* e do *outro*. Tudo isso na linguagem. Tudo isso pela linguagem. Para que *eu* e o *outro* tornem-se *nós*.

Nós nos tornamos melhores quando dialogamos e tecemos redes de interação.

Porque um galo sozinho não tece a manhã.

Kári Lúcia Forneck
Coordenadora do Curso de Letras

ISBN 978-85-8167-219-9



9 788581 672199

Apoio:



**PREFEITURA
MUNICIPAL
DE LAJEADO**

Projeto de Extensão
VEREDAS DA LINGUAGEM

 **UNIVATES**